

# OS OPERADORES ASPECTUAIS DO PORTUGUÊS: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA NOVA ABORDAGEM

Luís Filipe Cunha

## 1. INTRODUÇÃO

Se é certo que uma grande atenção tem sido dispensada ao estudo e à caracterização das propriedades semânticas de certos Operadores Aspectuais, como sucede com o de Progressivo ou o de Perfectividade, torna-se igualmente necessário reconhecer que existem muitos outros que, por assim dizer, têm permanecido na sombra. Procuraremos, por isso mesmo, reflectir um pouco sobre algumas das suas características em termos aspectuais e sobre a sua função ao nível das predicções em que ocorrem.

Com o duplo objectivo de reflectir sobre os efeitos aspectuais básicos de cada operador e de fornecer uma tentativa de análise unificada e coerente para o conjunto de tais elementos, desenvolveremos, neste trabalho, uma breve comparação entre os operadores aspectuais que consideramos mais significativos no Português.

Começaremos por dar conta, em 2., dos pressupostos teóricos fundamentais que assumiremos ao longo da nossa discussão; seguidamente, será exposto, em 3., o tratamento dado ao Progressivo que nos servirá como termo de comparação para a abordagem aos restantes operadores aspectuais observados. Finalmente, avançaremos com propostas concretas de análise para os operadores *começar a e passar a* (4.1.), *continuar a* (4.2.), *deixar de e parar de* (4.3.), *acabar de* (4.4.) e *andar a* (4.5.).

Infelizmente, a bibliografia disponível sobre este assunto é bastante escassa, o que explica a quase total ausência de referências ao longo do texto. No entanto, vejamo-se, por exemplo, alguns comentários dispersos em Moens (1987), Smith (1991), Cap. 3 e Kamp e Reyle (1993), 5.3.3. Especificamente para o Português, mas em enquadramentos teóricos diferentes do aqui adoptado, vejamo-se, por exemplo, Barroso (1994), Carvalho (1984), Soares (1994) e Silva (1997), 5.3.

## 2. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Antes de iniciarmos a tentativa de caracterização dos operadores aspectuais a que nos propusemos, importa realçar e apresentar alguns pressupostos teóricos a que recorreremos frequentemente ao longo da nossa exposição.

No que diz respeito à classificação aspectual de predicções, e na sequência do que foi proposto em Moens (1987) e em Moens e Steedman (1988), partimos da ideia central de que existe um **Núcleo Aspectual** constituído por três fases principais: um **processo preparatório**, um **ponto de culminação** e um **estado resultante**. Segundo esta perspectiva de análise, um processo preparatório será uma fase de tipo processual (não estática) e durativo; um ponto de culminação representará, pelo contrário, uma fase pontual ou momentânea que supõe uma mudança de estado; finalmente, um estado resultante descreve as consequências associadas a determinados pontos de culminação. É a partir destas fases que se torna possível definir um conjunto de **classes aspectuais de eventos** que parecem ostentar um comportamento que deriva da sua própria constituição fásica interna. Assim, os **processos**, compostos apenas pela primeira fase descrita, são eventos durativos e atélicos (i.e., sem um ponto terminal intrínseco; cf. “correr”, “guiar o carro”); os **processos culminados**, que combinam as três fases do Núcleo, serão eventos durativos, télicos e a que se associam dadas consequências, representadas no seu estado resultativo (cf. “almoçar”, “correr quinze quilómetros”); os **pontos**, caracterizados apenas pela segunda fase do Núcleo, são eventos pontuais mas que não implicam a existência de quaisquer consequências associadas (cf. “tossir”, “bater à porta”); finalmente, as **culminações**, constituídas por um ponto de culminação (explícito) e por um estado consequente (implícito) são eventos pontuais que implicarão dadas consequências (cf. “morrer”, “ganhar a corrida”). Finalmente, os **estados** são eventualidades completamente “uniformes”, que não podem ser caracterizadas através de uma estrutura em fases (cf. “ser alto”, “ter um carro”).

Para além do Núcleo, é incluída no sistema de formalização do Aspecto proposto por Moens uma **Rede Aspectual** que dá conta das diversas possibilidades de “transições” ou “comutações” que se verificam entre os vários tipos de eventos. Assim, por exemplo, se adicionarmos a uma culminação um processo preparatório, obteremos um processo culminado; se, por outro lado, retirarmos a um processo culminado a sua culminação, encontraremos um processo. A Rede Aspectual é organizada por forma a predizer quais as “transições” que podem ser efectivadas com sucesso e quais as que resultam em anomalia semântica e que, por conseguinte, devem ser excluídas. Uma comutação parte de uma dada configuração aspectual (o seu “*input*”) convertendo-a numa outra de tipo diferente (o seu “*output*”).

No que respeita às predicacões estativas, consideraremos que existe uma divisão fundamental entre **estados [+"faseáveis"]** e **estados [-"faseáveis"]**. Uma tal diferenciação é motivada por um comportamento muito díspar, no interior da classe dos estativos, relativamente aos designados “critérios de estatividade”, que serviriam para distinguir estados de eventos. Se é certo que dados estativos os respeitam (i.e., não podem comparecer no escopo do Progressivo, não surgem em formas imperativas nem como complemento de verbos como *persuadir* ou *ordenar*, têm uma leitura preferencial de “presente real”, não se combinam com dados operadores aspectuais e “englobam” ou “contêm” expressões pontuais e orações temporais introduzidas por *quando*, cf. (1)), outros há que, sob determinados contextos, manifestam um comportamento próximo do dos eventos (cf. (2)):

(1) a: \* O João está a ser alto.

b: \* João, sê alto!

c: \* A mãe persuadiu o João a ser alto.

d: \* O João é frequentemente/muitas vezes alto.

e: \* O João começou a ser alto.

f: \* Quando fez seis anos, o João foi alto.

(2) a: A Maria está a ser simpática com as amigas.

b: Maria, sê simpática com as tuas amigas!

c: A mãe persuadiu a Maria a ser simpática com as amigas.

d: A Maria é frequentemente/muitas vezes simpática com as amigas.

e: (Finalmente), a Maria começou a ser simpática com as amigas.

f: Quando as conheceu, a Maria foi simpática com as amigas.

Na sequência das observações efectuadas, assumiremos que existem estados que, em nenhuma circunstância, poderão ser incorporados na Rede Aspectual e convertidos em processos ([-"faseáveis"]) e outros que, em dados contextos, podem ser integrados na Rede, recebendo uma estrutura fásica típica dos eventos processuais, ou seja, revelam a capacidade de serem comutados em processos, manifestando todas as características inerentes a tal classe aspectual ([+"faseáveis"]). Notemos, de passagem, que esta propriedade dos estados [+"faseáveis"] não invalida a nossa definição das predicções estativas: quando manifestam uma estrutura fásica, estas eventualidades deixam de ser estados, passando a processos; ou seja, um estado [+"faseável"] só será um verdadeiro estativo nos contextos em que não apresenta uma estrutura fásica própria, sendo considerado, de outro modo, um processo (derivado).

Para concluir, assumiremos, com base em observações sobre estruturas do tipo de *estar para*, a existência de um **estado pré-preparatório** que, embora não fazendo parte integrante do Núcleo Aspectual, na medida em que não contribui para a determinação de nenhuma categoria nem faz parte do evento propriamente dito, com ele se pode associar, precedendo o processo preparatório (cf. Cunha (1998), 2.5.).

### 3. O PROGRESSIVO

Embora muitas sejam as propostas existentes para o estudo do Progressivo, concentraremos a nossa atenção apenas em duas: as de Bennett e Partee (1978) e a de Moens (1987), já que nos parecem as mais relevantes em termos de possibilidades de adaptação para a análise de outros operadores aspectuais.

No âmbito de uma semântica de intervalos, Bennett e Partee (1978) propõem a seguinte definição para as condições de verdade de formas progressivas:

(3)  $\text{PROG}[p]$  é verdadeiro em  $I$  se e só se  $I$  é um momento de tempo e existe um intervalo  $J$  tal que  $I$  está contido em  $J$ ,  $I$  não é um subintervalo final de  $J$  e  $p$  é verdadeiro em  $J$ .

Esta definição coloca, no entanto, alguns problemas sérios. O primeiro é aquele que Dowty (1979) designou como Paradoxo do Imperfectivo. Uma proposta como a de (3) requer que a verdade da proposição não progressiva,  $p$ , aconteça necessariamente (mais tarde ou mais cedo) para que as formas progressivas possam igualmente ser verdadeiras. Ora, isto significa que frases como as de (4) comportariam algum tipo de anomalia semântica, ao contrário dos factos:

(4) a: A Maria esteve a ler este livro mas desistiu.

b: O João esteve a ganhar a corrida mas não a ganhou.

Na verdade, para que uma forma progressiva de um processo culminado (cf. (4)a) ou de uma culminação (cf. (4)b) seja verdadeira, não é necessário que alguma vez predicacões correspondentes com tais classes aspectuais o venham também a ser.

Para além deste obstáculo, outros dois se colocam à hipótese avançada por Bennett e Partee: como dar conta da interacção do Progressivo com eventos pontuais (que não podem ser verdadeiros em intervalos de tempo mas apenas em momentos) e como dar conta do carácter estativo das construções com Progressivo (cf. (5)):

(5) a: \* O João está a estar a trabalhar.

b: \* João, está a trabalhar!

c: \* A mãe persuadiu o João a estar a trabalhar.

d: O João está a trabalhar (agora/neste momento).

e: \* O João começou a estar a trabalhar.

f: (??) Quando chegámos, o João esteve a trabalhar.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Notemos que o facto de ser possível uma leitura de sucessividade entre estas eventualidades não se constitui como um contra-exemplo para o carácter estativo destas formas. Uma leitura semelhante é possível com outros tipos de estados como ilustrado em (I):

(I) a: Quando voltou de férias, o João esteve doente.

b: Quando acabou o curso, a Maria foi professora em Terras de Bouro.

g: \* Quando o João esteve a trabalhar, nós chegámos.

h: O João está a trabalhar desde as duas da tarde.

Tendo como objectivo resolver este tipo de problemas, Moens (1987) propõe uma análise para o Progressivo em termos de comutações no interior da Rede Aspectual. Tendo em conta que apenas um processo preparatório está envolvido nas condições de verdade para uma frase progressiva (cf. o Paradoxo do Imperfectivo), Moens assume que o “*input*” para o operador em causa será um evento processual. Tal hipótese permite explicar o carácter “durativo” muitas vezes associado ao Progressivo de culminações: para que estas possam ser combinadas com o operador sob análise, é necessário que, primeiramente, passem a processos (através da associação da culminação a um processo preparatório e posterior “subtracção” da fase pontual), o que lhes confere propriedades temporais típicas de eventos processuais. Finalmente, o carácter estativo das frases que envolvem a construção *estar a* + INF revela que o resultado da sua aplicação, i.e., o seu “*output*”, é exactamente este: o de converter um “*input*” processual numa eventualidade estativa (cf. QUADRO V).

Poderemos alargar uma análise deste género a outros operadores aspectuais, por forma a uniformizar o tratamento deste grupo de expressões? É o que tentaremos testar na próxima secção do nosso trabalho. Como veremos, as tentativas de redução dos efeitos dos diversos operadores aspectuais a uma relação entre tempos e intervalos revelar-se-á inadequada, tal como aconteceu para o Progressivo, sendo a adaptação das propostas de Moens (1987) e Moens e Steedman (1988) uma alternativa, a nosso ver, bastante credível.

#### **4. CARACTERIZAÇÃO GERAL DE ALGUNS OPERADORES ASPECTUAIS**

Poderemos definir, neste momento da discussão, os **operadores aspectuais** como elementos linguísticos cuja principal função é a de alterar a “perspectivação” ou a “focalização” das situações, manifestando, portanto, consequências muito relevantes ao nível da classificação aspectual das expressões com que se combinam. Mas, como

poderemos analisar estas estruturas, recorrendo a uma abordagem mais ou menos formalizada?

Um tratamento, para estes operadores, unicamente alicerçado sobre uma semântica de intervalos, afigura-se-nos pouco adequado, na medida em que deixa algumas questões importantes por resolver. Na verdade, torna-se necessário dar conta de certas assimetrias resultantes de diferenças na interacção entre o operador e o tipo aspectual da situação em causa: os operadores aspectuais parecem ser "sensíveis" à classe das eventualidades com que se combinam, facto que deve ser considerado numa explicação destas expressões. Por outro lado, certas inferências e implicações associadas aos operadores não devem, igualmente, ser esquecidas por uma análise deste género. Uma proposta apenas baseada em intervalos de tempo, sem o recurso à noção de "fase" de evento, nunca será capaz de fornecer um enquadramento teórico suficientemente complexo, por forma a integrar em si os problemas de interacção entre operador e classe aspectual, por um lado, e as dificuldades levantadas por certas implicações, por outro.

Com o objectivo de ultrapassar tais obstáculos, propomos, para este tipo de expressões, uma análise essencialmente baseada na noção de "**operação aspectual**", ou seja, na "conversão" de um determinado "*input*" num dado "*output*". Esta "conversão" pode ser adequadamente descrita através de **transições** ou "transformações" no interior da Rede Aspectual, tal como Moens (1987) a concebe: as **categorias aspectuais básicas** são comutadas, na Rede, por forma a obtermos o "*input*" desejado; este, por seu lado, sofre nova transição, por efeito do operador aspectual, com vista à obtenção de um "*output*" final.

Para que uma hipótese deste género possa ser posta em prática, é imprescindível determinar tanto as classes aspectuais que se constituem como "*input*" quanto aquelas que comparecem como "*output*" relativamente a uma qualquer "transição" aspectual. Como veremos nos casos concretos, apresentados em seguida, o "*input*" é tipicamente determinado pelas condições necessárias para que se dê uma "transição" (especificamente, devemo-nos interrogar sobre que parte(s) de um evento é/são indispensável(eis) considerar como já "existente(s)" ou "decorrida(s)" para que o operador possa ser "aplicado" sem provocar nenhum tipo de anomalia semântica), condições essas, em geral, manifestadas nas restrições tipológicas de cada operador. O "*output*", por seu lado, aparece reflectido no comportamento da frase que integra o operador face aos múltiplos "testes" de determinação da categoria aspectual das

situações.

A pertinência das diversas observações que acabámos de fazer revelar-se-á, talvez mais claramente, em cada uma das propostas particulares de análise que forneceremos em seguida. (Embora possa parecer algo repetitiva, a nossa apresentação procurou manter inalterados os critérios para todos os operadores em análise, de modo a obtermos uma avaliação o mais homogénea possível das suas propriedades.)

#### **4.1. *Começar a e Passar a***

Numa abordagem ainda muito inicial e simplificada, podemos encarar o operador *começar a* como representando a passagem de um "não evento" a um evento, ou, dito de outra forma, como o momento que marca o início de uma nova situação.

Uma hipótese para a análise deste operador, baseada apenas numa semântica de intervalos, corresponderia, mais ou menos, à seguinte formulação, em que o sinal << deverá ser lido como "imediatamente anterior" (cf. Bennett e Partee (1978)):

(6) *COMEÇAR A* [ $p$ ] é verdadeiro num intervalo  $I$  sse  $I$  é um momento de tempo e existe um intervalo  $H$  tal que  $H \ll I$  ( $H$  é imediatamente anterior a  $I$ ),  $p$  é falso em  $H$  e  $p$  é verdadeiro num intervalo  $I'$  contendo  $I$  (tal que  $I$  é um subintervalo inicial de  $I'$ ).

No entanto, e tal como aconteceu com o Progressivo, somos confrontados com algo de muito semelhante ao Paradoxo do Imperfectivo, que põe em causa esta análise. Assim, se é um facto que "O João começou a correr" implica a verdade da situação-base envolvida (i.e., de "O João correu"), o mesmo não acontece quando a eventualidade no escopo do operador é de tipo télico: "O João começou a ler um livro" não implica necessariamente a verdade de "O João leu um livro". Por outras palavras, para que *começar a* compareça com uma determinada situação, não é necessário que esta venha a ser verdadeira num qualquer futuro. Os exemplos de (7) ilustram bem o que foi dito:

(7) a: O João começou a construir uma casa mas desistiu.

b: O Rui começou a pintar um quadro mas não o pintou.

c: O Pedro começava a ligar o rádio quando uma explosão o destruiu. (i.e., o



Pedro não ligou o rádio).

A proposta apresentada em (6) não dá conta de exemplos como estes, nem das restrições, ao nível tipológico, associadas com o operador *começar a* (restrições essas que veremos em seguida).

O operador aspectual *começar a* pode ser combinado com quase todas as classes aspectuais, excepto os estados não convertíveis em processos e, eventualmente, também algumas culminações. Os exemplos de (8) tornam estas restrições bem patentes:

- (8) a: \* O meu casaco começou a ser verde. (estado)
- b: \* O João começou a ser alto. (estado)
- c: A mãe do Luís começou a gostar de linguística. (estado faseável)
- d: A Ana começou a trabalhar. (processo)
- e: A Ana começou a escrever a tese. (processo culminado)
- f: O João começou a ganhar a corrida. (culminação)
- g: ? O João começou a sair de casa. (culminação)
- h: ?? O João começou a morrer. (culminação)

(8) revela-nos que apenas os eventos (básicos ou derivados) estão envolvidos neste tipo de construção, o que não surpreende, já que ela supõe o recurso a transições, em termos de “fases”, no interior da Rede Aspectual. Por outro lado, os problemas colocados por certas culminações parecem estar relacionados, como tentaremos demonstrar, com o seu carácter tipicamente pontual ou momentâneo.

A determinação do "input" para o operador *começar a* envolve a investigação das diversas condições necessárias para que ele possa comparecer, remetendo-nos para as restrições apresentadas em (8). Marcando o "início" de uma eventualidade, este operador deverá supor apenas a existência de uma (eventual) fase anterior ao decurso da situação propriamente dita. Nesse sentido, e em consonância com o que referimos em 2., poderemos propor que, para que *começar a* seja possível, é necessária a presença de um estado preliminar. Porém, afigura-se-nos imprescindível dar conta das restrições presentes em (8): como explicar a agramaticalidade da combinação entre *começar a* e estados não faseáveis? Uma proposta de solução passa por admitir que o "input" para este operador não será todo e qualquer estado preliminar, mas apenas um estado preliminar de um evento. Se quisermos ir mais longe, no sentido de integrar, na nossa

descrição do operador, as implicações demonstradas em (7), poderemos até sugerir que o "*input*" para *começar a* se constitui como um estado pré-preparatório de um processo ou actividade. Esta análise integraria, tal como a do Progressivo, uma boa explicação para o Paradoxo do Imperfectivo, que, também neste caso, parece marcar a sua presença; além disso, ela permitiria compreender, de uma certa forma, a maior "dificuldade" que as culminações (eventos pontuais) têm em se combinar com o operador, bem como uma certa tendência para a interpretação dos pontos como processos iterados quando comparecem neste tipo de contextos (cf. "O João começou a espirrar (há N minutos)").

Para a determinação do "*output*" de *começar a*, vejamos as frases seguintes:

(9) a: O João começou a trabalhar às duas horas.

b: ?? O João começou a trabalhar em duas horas.

c: ?? O João começou a trabalhar durante duas horas.

(10) a: A Maria começou a ler o jornal às duas horas.

b: ?? A Maria começou a ler o jornal em duas horas.

c: ?? A Maria começou a ler o jornal durante duas horas.

O comportamento das estruturas representadas por (9) e (10) face aos adverbiais temporais indicia bem o seu carácter pontual. O resultado final (ou "*output*") da aplicação do operador *começar a* parece, portanto, ser uma eventualidade de tipo "instantâneo". Confrontamo-nos, porém, nestes casos, com um problema de difícil resolução: estaremos perante uma culminação ou um ponto? Como vimos, a diferença entre estas duas classes aspectuais reside, essencialmente, no facto de a primeira se concentrar numa culminação associada a determinadas "consequências", enquanto a segunda representa apenas um evento pontual, sem qualquer estado resultante. Tanto as implicações de (7) como a nossa hipótese para o "*input*" deste operador sugerem que, de uma certa forma, existe sempre um evento processual necessariamente associado à mudança pontual de estado representada pelo "*output*". Se um tal processo puder ser equiparado a um estado consequente (i.e., ser considerado como uma "consequência" de uma culminação), então estaremos perante um evento desse tipo; se, pelo contrário, esta equiparação não for considerada conveniente ou possível, o máximo que poderemos dizer é que o "*output*" do operador é um ponto que precede (sempre?) um processo.

Com propriedades semânticas algo semelhantes às de *começar a*, encontramos o operador *passar a*.<sup>2</sup> Na verdade, mantém-se aqui a ideia de passagem de uma “não eventualidade” a uma eventualidade. No entanto, as suas restrições combinatórias, em termos aspectuais, são bem diferentes, como (11) nos confirma:

- (11) a: O meu casaco passou a ser verde (quando o tingi). (estado)  
 b: O João passou a ser Português (quando se naturalizou). (estado)  
 c: A Maria passou a ser simpática com os colegas. (estado)  
 d: O João passou a trabalhar na faculdade. (estado habitual)  
 e: A Maria passou a escrever a tese à tarde. (estado habitual)  
 f: O João passou a abrir a porta com a chave da irmã. (estado habitual)

Se suprimirmos as expressões sublinhadas aos exemplos anteriores e lhes procurarmos dar uma interpretação não habitual (i.e., não estativa), obteremos frases semanticamente anómalas, o que indicia que *passar a* toma como seu “input” apenas fases preliminares de formas estativas.<sup>3</sup>

No que respeita ao “output” de *passar a*, a sua determinação revela-se uma tarefa bastante complexa, sobretudo porque não parece ser possível combinar as predicções em que este operador está envolvido com nenhum tipo de adverbiais temporais (cf. (12)):

---

<sup>2</sup> Excluimos da nossa análise comportamentos de *passar a* que supõem relações entre múltiplos eventos (e que, nessa medida, remetem para uma certa noção de “temporalidade”, para além do carácter meramente aspectual do operador) como em “Coemçámos por apresentar os trabalhos de casa, fizemos as contas e, depois, passámos a ler os textos”.

<sup>3</sup> Notemos que este facto poderá servir como mais um argumento em favor da existência de estados faseáveis. Na realidade, verificamos que, enquanto os estados não faseáveis se restringem a comparecer com *passar a* (cf. (I)) e os processos se limitam à combinação com *começar a* (cf. (II)), os estados faseáveis, provavelmente devido à sua natureza dupla de estados e processos, ocorrem, sem problemas, com ambos os operadores, como (III) parece confirmar:

- (I) a: O João passou a ter um carro com ar condicionado.  
 b: \* O João começou a ter um carro com ar condicionado.  
 (II) a: ??/\* Quando adormeceu, o João passou a rressonar.  
 b: Quando adormeceu, o João começou a rressonar.  
 (III) a: A Maria passou a gostar de música clássica.  
 b: A Maria começou a gostar de música clássica.

(12) a: \* O João passou a ser feliz às duas da tarde.

b: \* O João passou a ser feliz durante um ano.

c: \* O João passou a ser feliz desde Março até Maio.

d: \* O João passou a ser feliz numa semana.<sup>4</sup>

Podendo o operador em análise aplicar-se a estados não faseáveis, este resultado não nos parece totalmente surpreendente: na verdade, tal facto exclui a não comparência de um “*output*” eventivo nestes casos, devido à impossibilidade de atribuição de estrutura fásica, seja de que natureza for, à classe de estativos em causa. Sob este ponto de vista, e tendo em conta os dados observados em (12), assumiremos que não existe qualquer tipo de mudança de estado, na medida em que *passar a* não implica a existência de um evento (na melhor das hipóteses, poderemos falar de “passagem” de estado, em que este termo não envolve qualquer tipo de alteração aspectual da classe em causa). O efeito do operador será, pois, a **passagem** de um estado pré-preparatório a um estado de natureza aspectual idêntica.

O Quadro I apresenta, comparativamente, o comportamento dos operadores *passar a* e *começar a*:

## QUADRO I - COMEÇAR A E PASSAR A

Operador

categoria-base	<i>input</i>	<i>output</i>	
<i>passar a</i>	estados	estado preliminar	estado

<sup>4</sup> O comportamento de *passar a* face aos critérios de estatividade parece confirmar a hipótese avançada relativamente ao tipo de situação que se constitui como seu “*output*”. De facto, (I) mostra-nos que o operador em causa revela as características típicas dos estados:

- (I)
- a: \* O João está a passar a ser português.
  - b: ?? João, passa a ser português!
  - c: ?? A mãe persuadiu o João a passar a ser português.
  - d: \* O que o João fez foi passar a ser português.
  - e: O João passou a ser português voluntariamente.
  - f: \* O João passa a ser português habitualmente.
  - g: \* O João começou a passar a ser português.
  - h: ??/\* Quando passou a ser português, o João pediu novo passaporte.

<i>Começar a</i>	eventos e estados faseáveis	fase pré-preparatória de processo	evento pontual
------------------	--------------------------------	--------------------------------------	----------------

#### 4.2. *Continuar a*

Muito informalmente, podemos começar por dizer que *continuar a* perspectiva uma eventualidade (durativa) no seu "prolongamento" ou "continuação", isto é, dá conta de um intervalo não inicial de uma situação.

No âmbito de uma semântica de intervalos, *continuar a* obteria uma representação semelhante à seguinte:

(13) *CONTINUAR A* [*p*] é verdadeiro num intervalo de tempo *I* se e só se existe um intervalo *H* tal que  $H < I$  e *p* é verdadeiro em *I'*, representando *I'* a reunião de *H* com *I*.

Infelizmente, esta tentativa de análise confronta-se, mais uma vez, com problemas bastante complexos, o mais importante dos quais continua a ser, em nossa opinião, o denominado Paradoxo do Imperfectivo. Na realidade, para que "continuar a construir uma casa" seja verdadeiro, não é necessário que "construir uma casa" alguma vez também o venha a ser. Os exemplos de (14) ilustram bem o ponto em questão:

- (14) a: O Pedro continuou a ler o livro durante mais algumas horas, mas desistiu.  
 b: A Maria continuou a pintar o quadro, mas não o pintou (todo).  
 c: Eu continuei a ganhar a corrida até ser ultrapassado.

Por outro lado, *continuar a* parece impor algumas restrições em relação às categorias aspectuais com que se pode combinar. Ao contrário do que verificámos com *começar a*, *continuar a* ocorre no contexto de estados não faseáveis. Contudo, existem, também aqui, determinadas restrições, sobretudo quando tentamos conjugar o operador com certas culminações; para além disso, *continuar a* só comparece com pontos quando estes são previamente convertidos, por iteração, em processos (notemos que o conceito

de **iteração** difere tanto do de **frequência** como do de **habitualidade**). Atentemos nos exemplos de (15):

- (15) a: O meu casaco continua a ser azul, apesar de o ter tentado tingir de preto.  
(estado)
- b: O Pedro continua a ser português, apesar de viver na Suíça. (estado)
- c: A Maria continuou a correr. (processo)
- d: O João continuou a construir a casa. (processo culminado)
- e: A Ana continuou a ganhar a corrida. (culminação)
- f: ?? O João continuou a acender a luz. (culminação)
- g: \* A Ana continuou a morrer. (culminação)
- h: O João continuou a espirrar. (ponto)

A conjugação das informações presentes em (14) e (15) projecta alguma luz sobre a determinação das condições necessárias para que o operador *continuar a* possa comparecer sem problemas: neste caso, a existência de uma eventualidade durativa que não inclua nenhuma culminação. Assim sendo, apenas estados e processos são candidatos credíveis para servirem de "input" a um tal operador. Com efeito, os processos culminados parecem perder a culminação, quando combinados com *continuar a* (cf. (14(a,b)); as culminações, ou dão origem a uma certa anomalia, ou são convertidas em processo (por iteração ou por adição de um processo à culminação, que, posteriormente, é eliminada); os pontos, finalmente, apenas se podem combinar com *continuar a* sob a forma de processos obtidos por iteração.

O tratamento de *continuar a* com base no conceito de "operação" não está, contudo, isento de dificuldades. A mais relevante tem a ver com a necessidade de representar a combinação de estados não faseáveis com este operador. Será possível, sem recorrer à noção de "fase", fornecer uma explicação adequada para estes casos? Se queremos obter uma resposta satisfatória para uma tão importante questão, teremos de concentrar a nossa atenção sobre os possíveis "outputs" para o operador.

Ao contrário do que habitualmente sucede com uma grande parte dos operadores aspectuais, o "output" de *continuar a* parece manter as propriedades aspectuais do "input" que lhe serve de base. Contrastem-se, nesse sentido, os exemplos de (16), obtidos a partir de um estado não faseável (que se pode combinar com *continuar a* em

frases como “O João continua a ser alto”), com os de (17), cujo "*input*" é um processo.

- (16) a: \* O João está a continuar a ser alto.  
 b: \* A mãe persuadiu o João a continuar a ser alto.  
 c: \* João, continua a ser alto!  
 d: \* O João continuou a ser alto voluntariamente.  
 e: \* O que o João fez foi continuar a ser alto.  
 f: O João continua a ser alto (neste momento).  
 g: \* Quando fez 6 anos, o João continuou a ser alto.
- (17) a: O João está a continuar a correr.  
 b: A mãe persuadiu o João a continuar a correr.  
 c: João, continua a correr!  
 d: O João continuou a correr voluntariamente.  
 e: O que o João fez foi continuar a correr.  
 f: O João continua a correr (habitualmente).  
 g: Quando chegou à meta, o João continuou a correr.  
 h: ?? O João continuou a correr às 5 da tarde.  
 i: O João continuou a correr durante duas horas.  
 j: \* O João continuou a correr em duas horas.

A acreditar nos juízos de gramaticalidade apresentados, estes exemplos sugerem que, quando o "*input*" de *continuar a* é um estado não faseável, o seu "*output*" mantém exactamente as mesmas propriedades. Por outro lado, quando o "*input*" é um processo, o "*output*" correspondente comporta-se, igualmente, como tal. Ou seja, *continuar a* não parece alterar tipologicamente o seu "*input*".

Se, como sugerimos, é verdade que o "*input*" e o "*output*" associados a *continuar a* são tipologicamente idênticos, então não é necessário recorrer às noções de "fase" ou "transição" na Rede Aspectual para caracterizar os seus efeitos. Este é o resultado requerido, já que os estados não faseáveis (i.e., não convertíveis no interior da Rede) podem comparecer, sem dificuldades, com este operador.

Mas, não havendo alteração de categoria aspectual, qual é, afinal, o "conteúdo" semântico do operador *continuar a*? Qual é a sua real função? Ao "exigir" a existência de uma eventualidade durativa não culminada como "*input*", o nosso operador exclui, do

seu "output", os momentos (estados) ou fases (processos) iniciais da situação em causa. É esta "exclusão" do período inicial no significado intrínseco do "output" que permite veicular a ideia de "continuação" ou "prolongamento", típica destas construções. Assim, embora não haja "conversão", ao nível da classe aspectual, há sempre uma perspetivação parcial da eventualidade em causa, o que torna *continuar a* um operador relevante e informativo.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Embora possam perspetivar o mesmo intervalo de tempo em relação às predicções com que ocorrem, *continuar a* e o Progressivo diferem bastante ao nível dos seus "inputs" e "outputs" respectivos, pelo que serão considerados, naturalmente, operadores distintos, tal como sugere o que ficou dito até agora.

Até certo ponto semelhante a estes, *ficar a* levanta, contudo, problemas bem mais complexos no que diz respeito à determinação das suas propriedades aspectuais. Sem querermos dar uma resposta cabal aos problemas que este operador nos levanta, deixamos algumas reflexões com vista a aprofundamentos futuros.

O primeiro obstáculo com que nos deparamos prende-se com a determinação do "input" para o operador em análise. Ao contrário da grande maioria dos operadores aspectuais que aqui estudamos, *ficar a* não ostenta um padrão regular em termos de combinação com as diversas classes de predicções, como os juízos de gramaticalidade (mesmo que sujeitos a alguma variação) de (I) parecem comprovar:

- (I) a: ??/\* O João ficou a ser alto. (estado não faseável)
- b: ?? O João ficou a Ter um B.M.W.. (estado não faseável)
- c: A Lígia ficou a saber francês. (estado não faseável)
- d: ??/\* A Maria ficou a ser simpática. (estado faseável)
- e: A mãe do Luís ficou a gostar de linguística. (estado faseável)
- f: ?? Ficou a chover.
- g: ?? O João ficou a viajar. (processo)
- h: O Jorge ficou a dormir. (processo)
- i: ??/\* O João ficou a ir do Porto até Lisboa. (processo culminado)
- j: O João ficou a escrever a tese. (processo culminado)
- k: ??/\* A Maria ficou a sair de casa. (culminação)
- l: O Pedro ficou a ganhar a corrida. (culminação)

Será possível determinar um "input" para este operador? Com base em que critérios? Deixaremos, por uns momentos, estas questões em aberto, dirigindo a nossa atenção para a determinação do "output" de *ficar a*. O comportamento das frases que envolvem tal operador face aos critérios de estatividade parece indiciar que estamos perante verdadeiros estados (cf. (II)):

- (II) a: \* O João está a ficar a chorar.
- b: ?? João, fica a chorar!
- c: ?? A mãe pediu ao João para ficar a chorar.
- d: (??) O que o João fez foi ficar a chorar.
- e: O João fica a chorar (neste momento).
- f: \* O João começou a ficar a chorar.
- g: Quando a Maria saiu, o João ficou a chorar.
- h: ?? Quando o João ficou a chorar, a Maria saiu.
- i: O João ficou a chorar durante duas horas.

Se é certo que estamos perante estados, é importante também realçar que estes apresentam um comportamento algo particular. Na verdade, a comparação de frases envolvendo *ficar a* com as suas correspondentes no Progressivo parece sugerir a existência, no primeiro caso, de um evento (pontual?) implícito ou em "background". Atentemos nos seguintes exemplos que destacam certas propriedades eventivas (e eventualmente de "momentaneidade") inerentes a *ficar a*:

- (III) a: (?) O Jorge esteve a dormir às 5 da tarde. (leitura inclusiva)



## QUADRO II - CONTINUAR A

operador	categoria-base	<i>input</i>	<i>output</i>
<i>continuar a 1</i>	estado não faseável	estado não faseável	estado não faseável
<i>continuar a 2</i>	eventos e estados faseáveis	processo	processo

### 4.3. Deixar de e Parar de

Numa concepção bastante informal, *deixar de* designa a passagem de um evento não completo a um "não evento", ou, dito de uma outra maneira, descreve a "cessação" ou "interrupção" de uma dada eventualidade.

O recurso a uma semântica de intervalos, para uma tentativa de formalização deste operador, daria origem a uma representação semelhante à que propomos em (18):

(18) *DEIXAR DE* [*p*] é verdadeiro em I sse existe um intervalo de tempo H tal que  $H < I$ , *p* é verdadeiro em H e *p* é falso em I.

A hipótese de formalização adiantada em (18) não nos parece, contudo, ser adequada

b: (?) O Jorge ficou a dormir às 5 da tarde. (leitura simultânea)

(IV) a: Quando cheguei, o Jorge estava a dormir.

a': ?? Quando cheguei, o Jorge esteve a dormir.

b: ??/\* Quando cheguei, o Jorge ficava a dormir.

b': Quando cheguei, o Jorge ficou a dormir.

Estes dados sugerem que, ao contrário do Progressivo, *ficar a* parece implicar, de alguma forma, a existência de um evento pontual que, no entanto, não comparece explicitamente no seu comportamento linguístico típico. Por outras palavras, parece que *ficar a* manifesta um estado que, de algum modo, parece derivar de um evento pontual. A acreditar nestas observações podemos, tentativamente, colocar a hipótese de que esse evento pontual se constitui como o "*input*" do operador em causa (i.e., como uma condição necessária para que ele possa ser aplicado), sendo o seu "*output*" de tipo estativo, como vimos em (II). Uma tal análise permitiria explicar o contraste de gramaticalidade, sugerido por alguns falantes, presente nas frases de (V):

(V) a: ?? Ficou a chover.

b: De repente, ficou a chover.

para o tratamento deste tipo de estruturas. De facto, se "O João deixou de correr" implica necessariamente a verdade de "O João correu", já uma frase como "O João deixou de ler este livro" não implica necessariamente a verdade de "O João leu este livro". Ou seja, estamos, mais uma vez, perante uma espécie de Paradoxo do Imperfectivo (i.e., um tipo de implicação muito semelhante àquele que Dowty (1979) estudou ao tratar da relação dos eventos télicos com as formas progressivas correspondentes), que deve ser sempre tomada em linha de conta numa qualquer análise do operador em causa.

Um outro problema para estes casos prende-se, também, com as restrições tipológicas, manifestadas por *deixar de*, ao nível das suas combinações possíveis. Para além de comparecer com todos os tipos de estado (chegando até a impor, por vezes, uma leitura preferencialmente habitual ao "input", mesmo quando este é derivado a partir de uma categoria-base constituída por predicacões típicas de outras classes aspectuais), *deixar de* é igualmente possível, em certos contextos, com processos e processos culminados. A sua combinação com as culminações parece, no entanto, muito difícil (cf. (19)).

- (19) a: O casaco deixou de ser castanho (porque o lavei muitas vezes). (estado)
- b: O Rui deixou de ser português (porque se naturalizou belga). (estado)
- c: O João deixou de trabalhar (na faculdade). (estado habitual)
- d: O João deixou de limpar a casa. (estado habitual)
- e: O João deixou de sair à noite. (estado habitual)
- f: Deixou de chover. (processo)
- g: O João deixou de ler este livro. (processo culminado)
- h: ?? O João deixou de acender a luz. (culminação)
- i: ?? O João deixou de ganhar a corrida. (culminação)
- j: ??/\* O João deixou de morrer. (culminação)

Tentemos, apoiados nas observações feitas até este momento, explicitar a função do elemento *deixar de*, recorrendo ao conceito central de "operação aspectual".

Como ficará claro mais adiante, o comportamento de *deixar de* difere bastante, conforme ele compareça com estados ou eventos. Por esse motivo, trataremos separadamente cada um destes casos, iniciando a nossa discussão com a interacção que

se estabelece entre *deixar de* e os estados "não faseáveis".

Embora a conjugação de *deixar de* com estados "não faseáveis" dê lugar a uma espécie de "passagem de estado" (i.e., descreva a passagem de um estado para a sua própria "ausência"), os efeitos do operador parecem não se fazer sentir ao nível da classe aspectual da predicação em causa. Na verdade, a aplicação de *deixar de* a um estado não parece alterar o seu carácter estativo, como, de resto, (20) nos sugere:

- (20) a: \* O João está a deixar de ter um B.M.W..  
 b: \* A mãe persuadiu o João a deixar de ter um B.M.W..  
 c: \* João, deixa de ter um B.M.W.!  
 d: ? O João deixou de ter um B.M.W. voluntariamente.  
 e: \* O que o João fez foi deixar de ter um B.M.W..  
 f: ?? O João começou a deixar de ter um B.M.W..  
 g: \* Quando fez 6 anos, o João deixou de ter um B.M.W..

O facto de ser necessário conciliar a ideia de uma certa "mudança de estado", representada na semântica do operador, com a manutenção da estatividade na construção (como observado em (20)) talvez esteja na origem das dificuldades com que nos deparamos ao tentarmos combinar *deixar de* com os diversos adverbiais temporais. Ao contrário do que sucede com as frases que envolvem eventos no seu "input", as que combinam *deixar de* com estados "não faseáveis" caracterizam-se por determinadas incompatibilidades ao nível da ocorrência, no seu "output", de adverbiais durativos ou pontuais. Vejam-se os exemplos de (21):

- (21) a: ?? O meu casaco deixou de ser verde às 5 da tarde.  
 b: ?? O meu casaco deixou de ser verde durante 3 anos.  
 c: ?? O João deixou de ser português às 5 da tarde.  
 d: ?? O João deixou de ser português durante 3 anos.

A acreditar em tudo o que temos vindo a propor, *deixar de* será perfeitamente compatível com estados "não faseáveis", na medida em que, embora veiculando a ideia de "passagem de estado", não altera, ao nível estrutural, a categoria aspectual do seu

"input", não recorrendo, conseqüentemente, a quaisquer alterações aspectuais no interior da Rede.<sup>6</sup>

Quando *deixar de* comparece em interacção com eventos, as coisas passam-se de um modo bastante diverso. Na verdade, parecem existir indícios suficientes para considerar que, nos contextos referidos, este elemento despoleta uma "transição" ou "conversão" aspectual. É nela que vamos concentrar, agora, a nossa atenção.

Tendo em conta que, também com *deixar de*, somos confrontados com uma espécie

---

<sup>6</sup>No entanto, notemos que existem falantes que aceitam frases como as de (21) (sobretudo quando ocorrem adverbiais pontuais), para além de exemplos como os de (I), em que estados não faseáveis, sob o escopo de *deixar de*, se comportam como eventos:

- (I) a: (??) (Com o pé,) os cortinados estão a deixar de ser brancos.  
 b: (??) A Maria começou a deixar de ser gorda.  
 c: (??) Quando deixou de ser português, o João pôde votar em Marrocos.

Estes parecem ser contra-exemplos para a análise aqui desenvolvida. Será possível integrá-los na teoria que temos vindo a defender?

Uma primeira hipótese para o tratamento destes casos pode partir do princípio de que *deixar de* impõe a introdução ou a "adição" de um evento pontual ao estado não "faseável", o que explicaria a aceitabilidade das frases de (I) e (21). No entanto, esta solução afigura-se-nos insatisfatória por duas razões principais: em primeiro lugar, não dá conta da anomalia semântica de (20) nem das reservas que muitos falantes demonstraram em relação à aceitabilidade de (21); em segundo, não são claros os motivos pelos quais *deixar de* "transportaria" consigo um evento, associando-o a um estado não "faseável".

Uma segunda alternativa passa por considerar que o operador em causa tem como função prévia comutar os estados não "faseáveis" em estados "faseáveis", actuando, em seguida, em conformidade com o seu novo "input", obtido através da transição aspectual referida. Existem, contudo, motivos, quer empíricos, quer de ordem teórica, para afastar uma tal proposta. De facto, ela não responde satisfatoriamente à complexidade dos dados apresentados: (20) revela que, em certos casos, as propriedades estativas se mantêm inalteradas e as divergências de opinião entre os falantes em relação a (21) (e mesmo a (I)) são igualmente ignoradas. Em termos teóricos, a adopção de uma tal hipótese equivaleria a um esvaziamento completo da noção de estado não "faseável", i.e., anularia a diferença entre os estados "faseáveis" e não "faseáveis".

A perspectivização da "faseabilidade" como uma noção graduável parece, no entanto, solucionar alguns dos problemas anteriormente discutidos. Sob este ponto de vista, poderemos dizer que, de uma certa forma, os estados são distinguíveis através de "níveis" ou "graus" de "faseabilidade". Com base nestes pressupostos, estaremos em condições de formular a hipótese de que *deixar de* tem uma função prévia de "potenciar" ou "aumentar" as propriedades de "faseabilidade" (mesmo quando muito reduzidas) presentes nas predicções com que ocorre, determinando, posteriormente, o seu "input". Segundo esta perspectiva, os estados representados por construções como as de (20) (e para certos falantes as de (21)) apresentam um grau mínimo (ou mesmo nulo) de "faseabilidade", pelo que *deixar de* não consegue "potenciar" quaisquer traços de "faseabilidade", assumindo, por conseguinte, um "input" (e conseqüentemente o respectivo "output") como sendo de natureza não "faseável". Pelo contrário, nos casos de (I) (e para alguns falantes também de (21)), embora estejamos perante estados com um muito baixo grau de "faseabilidade" (cf. o seu comportamento com os diversos operadores aspectuais que não *deixar de* e o seu estatuto face aos critérios de estatividade, quando libertos de qualquer escopo) eles parecem reter um mínimo de traços "faseáveis" a que o nosso operador tem acesso, "aumentando", assim, esse "potencial", em geral implícito. Como resultado, obteremos estados "faseáveis" que, por efeito de *deixar de*, serão convertidos em eventos pontuais. Apesar de não termos mais argumentos concretos em favor de uma tal posição, podemos afirmar, provisoriamente, que nos parece a mais adequada para a resolução dos problemas com que nos confrontámos, embora neste, como noutros casos, as dúvidas sejam sempre bem maiores do que as certezas.

de Paradoxo do Imperfectivo, por um lado, e com uma certa dificuldade na sua conjugação com culminações, por outro, somos levados a pensar que este operador toma como seu "*input*" necessário um processo: nesta análise, o Paradoxo do Imperfectivo dever-se-ia à (forçosa) eliminação da culminação nos processos culminados; a dificuldade de interação com culminações simples seria explicada pelo seu carácter momentâneo (i.e., pela inexistência de um processo com elas associado, tornando-se praticamente obrigatória uma leitura habitual para o "*input*" formado a partir deste tipo de predicação).

A determinação do "*output*" para *deixar de* não se afigura muito fácil. Os exemplos de (22) mostram porquê:

- (22) a: Deixou de chover às 5 da tarde.  
 b: (??) Deixou de chover em 5 minutos.  
 c: Deixou de chover durante uma semana.  
 d: O João deixou de chorar às 5 da tarde.  
 e: (??) O João deixou de chorar em 20 minutos.  
 f: O João deixou de chorar durante meia hora.

Segundo os exemplos apresentados, o "*output*" de *deixar de*, tanto pode ser momentâneo ((22)a,d) como durativo ((22)c,f). Como explicar tal coocorrência? A nossa hipótese passa por considerar a existência de uma "mudança de estado", tipicamente pontual, associada a uma certa forma de "consequência" de tipo durativo.

O operador *deixar de*, tanto pode converter um processo num evento momentâneo, focando apenas a "mudança (pontual) de eventualidade", como num evento durativo, dando conta das suas "consequências", focando o resultado de uma tal mudança.

Devemos notar, desde já, que as consequências de uma mudança de estado despoletada pelo operador *deixar de* não se constituem, naturalmente, como um estado resultativo canónico. Na realidade, não descrevem um "resultado" da ocorrência de uma eventualidade, mas antes a sua "não ocorrência" ou "cessação". Chamaremos, por isso, ao resultado da aplicação de *deixar de*, um **estado cessativo**.

Partindo dos dados acima discutidos, adiantaremos a seguinte hipótese de análise: *deixar de* toma como seu "*input*" um processo e converte-o numa culminação cujas

---

consequências se manifestam sob a forma de um estado cessativo. O operador pode perspectivar, não só a culminação em si (cf. (22)a,d), mas também o próprio estado cessativo (cf. (22)c,f).

Existem contextos um pouco diferentes em que *deixar de* também toma parte. Vejamos as seguintes frases:

(23) a: O João deixou de sair para ficar a estudar.

b: A Maria deixou de se alistar na marinha para ir para o exército.

Poderemos explicar também estes casos a partir da caracterização fornecida para *deixar de*, na medida em que observámos que este operador se pode aplicar indistintamente a todos os tipos de estativos. Assim, colocaremos a hipótese de que, em frases como as de (23), o operador em análise se aplica a estados pré-preparatórios ou preliminares, dando conta de um estado cessativo que se lhes associa como o resultado requerido pela operação aspectual. Isto explica que nenhuma fase do evento básico (inclusivamente nenhum processo preparatório desse evento) esteja aqui presente ou mesmo implicada (cf. “O Zé deixou de ir ao cinema para ir ao teatro” implica que “O Zé não foi ao cinema” ou “A Ana deixou de ver televisão para poder sair” implica que “A Ana não viu televisão”).

O operador *parar de* partilha algumas propriedades com *deixar de*, como adiante veremos. Contudo, o seu comportamento ostenta, igualmente, certas especificidades muito marcantes.

Informalmente, poderemos afirmar que *parar de* descreve a "interrupção" ou "paragem" de um dado evento.

(24) dá-nos uma ideia de um tratamento possível, para este operador, no âmbito de uma semântica de intervalos:

(24) *PARAR DE* [*p*] é verdadeiro num momento de tempo *I* se e só se existe um intervalo *J* tal que  $I \ll J$ , *p* é verdadeiro num intervalo contendo *I* (e de que *I* é um subintervalo final) e *p* é falso em *J*.

A inadequação de uma proposta como esta às características do operador sob análise parece-nos óbvia: *parar de*, quando combinado com eventualidades de tipo télico,

implica, tipicamente, a sua não realização (total): assim, se "O João parou de ler este livro" é verdadeiro, "O João leu este livro" será, tendencialmente, falso.

Por outro lado, *parar de* impõe determinadas restrições ao nível das classes aspectuais com que se pode (ou não) combinar. Os exemplos em (25) ilustram bem este facto:

- (25) a: \* O meu casaco parou de ser verde. (estado)  
 b: \* O João parou de ser português. (estado)  
 c: O João parou de correr. (processo)  
 d: Parou de chover. (processo)  
 e: O Rui parou de escalar o monte. (processo culminado)  
 f: A Ana parou de comer a maçã. (processo culminado)  
 g: \* O João parou de sair. (culminação)  
 h: \* O João parou de ganhar a corrida. (culminação)

Os dados apresentados em (25) sugerem que *parar de* não se aplica a estados nem a culminações, surgindo exclusivamente com processos e processos culminados. Ora, a diferença mais relevante entre estes dois grupos de tipos aspectuais reside na exclusão vs. inclusão de um processo preparatório nos respectivos esquemas "fásicos" prévios. Será possível tomar esta diferença como explicativa? É o que discutiremos em seguida, em consonância com a determinação do "input" para o operador.

Assim, a impossibilidade de *parar de* se combinar com estados e culminações, articulada com o facto de a verdade de "parar de PC" não implicar a verdade de "PC", tal que "PC" designa um processo culminado, indicia que o "input" para este operador é de tipo processual. No entanto, tendo em conta que, como já fizemos notar, uma grande parte das culminações pode passar a processo, no interior da Rede Aspectual, como explicar a sua (total) incapacidade de combinação com *parar de*? Uma resposta satisfatória a esta questão não se nos afigura muito fácil, tendo que passar, naturalmente, por uma avaliação da gramaticalidade de outras estruturas que apresentem processos derivados, especificamente o que se passa em relação ao comportamento dos chamados "estados faseáveis" no contexto do operador *parar de*. Atentemos nos seguintes exemplos:

(26) a: ?? O João parou de gostar de linguística.

b: ?? O João parou de estar doente.

c: ?? O João parou de ser simpático.

Embora as opiniões dos falantes do Português sejam algo divergentes em relação a frases como as de (26), não nos parece muito descabido afirmar que elas comportam um maior ou menor grau de anomalia; ou seja, a combinação de *parar de* com estados "faseáveis" não se revela inteiramente "feliz".

Se as nossas observações estão certas (e ignorando os casos de formação de processos a partir da iteração de eventos), *parar de* parece, de algum modo, ser "sensível" ao facto de um processo fazer parte integrante do esquema aspectual "básico", inerente a uma situação. Nesse sentido, apenas as situações que manifestem um processo na sua estrutura aspectual "básica" serão susceptíveis de se combinar com tal operador; aquelas cuja "fase" processual resulta de derivações na Rede Aspectual estão impossibilitadas de ocorrer nesse tipo de contexto.

Uma hipótese a considerar seria a da aplicação do operador *parar de* num momento anterior ao de quaisquer outras "transições" no interior da Rede; isto explicaria o facto de apenas situações contemplando um processo "básico" poderem surgir no escopo de tal operador. Esta proposta enfrenta, contudo, algumas dificuldades, sobretudo no que respeita à possibilidade de comparência de *parar de* com processos formados por iteração de eventos (cf. "O João parou de espirrar").

A determinação do "output" para *parar de* enfrenta, de igual modo, alguns obstáculos, que derivam, essencialmente, de uma relação pouco clara entre a estrutura em causa e os adverbiais temporais. Atentemos nas frases em (27) e (28):

(27) a: Parou de chover às 5 da tarde.

b: (??) Parou de chover durante meia hora.

c: (??) Parou de chover em meia hora.

(28) a: O João parou de escrever a tese às 5 da tarde.

b: (??) O João parou de escrever a tese durante 1 hora.

c: (??) O João parou de escrever a tese numa hora.



Mais uma vez, os dados sugerem-nos um "output" preferencial de tipo pontual ou momentâneo. O grande problema reside no facto de determinados falantes admitirem também a combinação das construções envolvendo *parar de* com adverbiais durativos e mesmo com adverbiais de "identificação de intervalos com eventos". Para estes falantes, o "output" de *parar de* poderá, por conseguinte, incluir, não apenas um ponto ou culminação, mas também um estado cessativo (cf. (27)b e (28)b) e até (uma parte d) o processo, a culminação (ou ponto) e o estado cessativo (cf. (27)c e (28)c).

Na sua concepção mais simples e consensual, no entanto, a descrição do operador *parar de* deverá contemplar como seu "input" um processo (não derivado(?)) e como seu "output" um ponto ou culminação (dependendo da consideração da presença e estatuto de um estado cessativo). Tipicamente, porém, (e para além das divergências óbvias ao nível dos "inputs"), *deixar de* e *parar de* diferem também relativamente aos seus "outputs" respectivos, já que, no primeiro caso, a inclusão de um estado cessativo é bem mais comum e aceitável do que no segundo.<sup>7</sup>

O Quadro III faz uma síntese comparativa do comportamento dos operadores *deixar de* e *parar de*.

---

<sup>7</sup> Notemos que, sob circunstâncias muito particulares (por exemplo, com o imperativo), *parar de* pode ocorrer em contextos algo inesperados, nomeadamente em construções que integram estados não "faseáveis", o que poderia ser tomado como um contra-exemplo para o tratamento até aqui desenvolvido. No entanto, este facto parece dever-se a uma certa "anulação" ou "neutralização" da diferença entre os operadores *deixar de* e *parar de*, assumindo este último as propriedades semânticas do primeiro. Sublinhemos, além disso, que este tipo de ocorrência é pouco frequente, restringindo-se a contextos muito específicos, como a comparação entre (I) e (II) indicia.

- (I) a: Maria, pára de ser curiosa!  
 b: João, pára de ser teimoso!  
 (II) a: ?? A Maria parou de ser curiosa.  
 b: ?? O João parou de ser teimoso.

Estes dados permitem-nos admitir que a nossa hipótese se mantém válida na generalidade, existindo apenas alguns casos excepcionais de "neutralização" da oposição entre operadores, em que *parar de* se comporta, muito presumivelmente, como *deixar de*.

### QUADRO III - DEIXAR DE E PARAR DE

Operador	Categoria-base	<i>input</i>	<i>output</i>
<i>Deixar de 1</i>	Estado não faseável	estado não faseável	estado não faseável (cessativo)
<i>Deixar de 2</i>	Eventos e estados faseáveis	processo	evento pontual + estado cessativo
<i>Parar de</i>	Processos e processos culminados	processo básico	evento pontual (+ estado cessativo)

#### 4.4. *Acabar de*

Mesmo uma abordagem muito superficial de *acabar de* permitirá encarar este operador como veiculando o "final", a "conclusão" ou a "culminação" de um evento.

Quando integradas no enquadramento teórico de uma semântica de intervalos, as condições de verdade para *acabar de* poderão ser representadas do seguinte modo:

(29) *ACABAR DE* [ $p$ ] é verdadeiro em  $I$  sse existe um intervalo  $I'$ , contendo  $I$ , tal que  $I$  é um momento de tempo,  $I$  é um subintervalo final de  $I'$  e  $p$  é verdadeiro em  $I'$ .

Se, neste caso, não existe qualquer variante do Paradoxo do Imperfectivo, frases como as de (30) poderão, no entanto, servir como suporte para uma discussão sobre a necessidade da (completa) realização de  $p$  para que *acabar de p* possa vir a ser verdadeiro: será que uma construção, formada a partir de *acabar de*, implica, obrigatoriamente, a verdade do todo do evento nela envolvido?

(30) a: Os abutres acabaram de devorar a zebra que os leões caçaram e comeram.

b: O António acabou de construir a casa que o avô tinha começado (a construir).

c: O João acabou de preparar o almoço que a mãe deixou quase pronto.

A questão central é a seguinte: poderemos inferir, a partir de (30)a,b,c,

respectivamente, a verdade de frases do género de "Os abutres devoraram a zebra que os leões caçaram e comeram", "O António construiu a casa que o avô começou a construir" ou "O João preparou o almoço que a mãe deixou quase pronto"? Embora não seja nossa intenção aprofundar mais este ponto, ele poderá acabar por se constituir como um problema para a análise em (29).

Do que (29) efectivamente não dá conta é das restrições, em termos tipológicos, manifestadas por *acabar de*. À primeira vista, este operador parece ser possível com todas as classes aspectuais excepto estados (cf. (31)):

- (31) a: \* O meu casaco acabou de ser verde. (estado)
- b: \* O João acabou de ser português. (estado)
- c: O João acabou de trabalhar. (processo)
- d: Acabou de chover. (processo)
- e: O João acabou de ler o livro. (processo culminado)
- f: O Zé acabou de escrever a tese. (processo culminado)
- g: O João acabou de sair. (culminação)
- h: A Maria acabou de morrer. (culminação)

Uma observação mais atenta, contudo, revela que *acabar de*, quando combinado com culminações, representa, afinal, um operador bem diferente daquele que, sob a mesma forma linguística, se pode combinar com processos e processos culminados. Na verdade, *acabar de*, ocorrendo com culminações, exhibe um comportamento muito específico: parece não ser possível no contexto de adverbiais de localização temporal que situem o estado de coisas num passado "remoto" ou "distante" relativamente ao tempo da enunciação ou a um qualquer Ponto de Perspectiva Temporal, no sentido de Kamp e Reyle (1993) (cf. (32)), de adverbiais temporais (cf. (33) e de expressões envolvendo agentividade (cf. (34)):

- (32) a: Ontem, o João acabou de trabalhar às 5 horas.
- b: Ontem, o João acabou de ler o livro às 5 horas.
- c: \* Ontem, o João acabou de sair às 5 horas.

- (33) a: O João acabou de trabalhar às 5 horas.

- b: O João acabou de ler o livro às 5 horas.
- c: ??/\* O João acabou de sair às 5 horas.
- d: O João acabou de trabalhar em 5 minutos.
- e: O João acabou de ler o livro em 5 minutos.
- f: ??/\* O João acabou de sair em 5 minutos.

(34) a: João, acaba de trabalhar!

- b: João, acaba de ler o livro!
- c: \* João, acaba de sair!
- d: A mãe pediu ao João para acabar de trabalhar.
- e: A mãe pediu ao João para acabar de ler o livro.
- f: \* A mãe pediu ao João para acabar de sair.

A acreditar nos dados de (32), o operador *acabar de* que ocorre com culminações não comporta somente informação aspectual; ele desempenha também um importante papel em termos temporais. Parece, com efeito, existir aqui uma intrincada interacção entre tempo e aspecto, o que nos levou a desistir, por agora, de tratar tal operador, já que todo o esforço nesse sentido passaria pela consideração de factores temporais muito complexos que não fazem parte do objecto de estudo do presente trabalho.

Vamos, assim, restringir a nossa atenção ao operador *acabar de* que ocorre com processos e processos culminados e que, segundo parece, manifesta as suas consequências, essencialmente, ao nível aspectual.

Quais são, afinal, as condições necessárias para que *acabar de* possa comparecer? Como vimos atrás (e tendo em conta que *acabar de* com culminações representa um operador de tipo bastante diferente), a nossa expressão restringe-se a processos e processos culminados. Ora, o que há de comum entre estas duas classes aspectuais é, naturalmente, a presença de uma "fase" processual na constituição da sua estrutura interna. Logo, *acabar de* tomará como seu "input" (i.e., exigirá como condição necessária para a sua ocorrência) um processo. Sabendo nós que este operador não pode, em princípio, comparecer com culminações e considerando válidos exemplos como os de (35), que indiciam fortemente a sua impossibilidade com estados "faseáveis", poderemos ir um pouco mais longe e sustentar que *acabar de* toma como seu "input" um processo "não derivado" (embora devamos ser cautelosos quanto a esta proposta, tendo em vista as mesmas dificuldades que nos surgiram na análise de *parar de*, ou seja,

a possibilidade de conjugar *acabar de* com processos obtidos por iteração de eventos, como ilustrado em "O João acabou de espirrar").

(35) a: ??/\* O João acabou de gostar de linguística.

b: ??/\* O João acabou de ser simpático às 5 horas.

c: ??/\* O João acabou de estar doente.

Para avaliarmos correctamente as propriedades do "output" de *acabar de*, atentemos nas possibilidades de combinação do operador com os vários adverbiais temporais, apresentadas nos exemplos de (36) e (37):

(36) a: O João acabou de trabalhar às 5 horas.

b: (??) O João acabou de trabalhar em 5 minutos.

c: ?? O João acabou de trabalhar durante 5 minutos.

(37) a: O João acabou de almoçar às 2 horas.

b: O João acabou de almoçar em 5 minutos.

c: ?? O João acabou de almoçar durante 5 minutos.

O "output" preferencial para *acabar de* é, tipicamente, uma culminação, ou seja, um evento pontual que está obrigatoriamente associado a um estado resultativo (cf. se "O Pedro acabou de ler o livro", então, necessariamente, "O livro está lido (pelo Pedro)"; ou, se "A Rita acabou de pintar a casa", então "a casa está pintada"). Isto significa que, aos processos, são "acrescentadas" culminações que se constituirão como o "output" de *acabar de*. Existe também, pelo menos para alguns falantes, a possibilidade de tomar o "output" de *acabar de* como constando, não apenas da culminação, mas também de (parte d) o processo preparatório; sob esse ponto de vista, o "output" para *acabar de* seria um processo culminado.

Em resumo, e com base nas observações já feitas, diremos que o "input" para *acabar de* é, basicamente, o mesmo que para *parar de*: um processo "não derivado". O seu "output", porém, é um pouco diferente: enquanto *parar de* toma um ponto eventualmente associado a um estado cessativo como seu "output", *acabar de* manifesta uma culminação, no pleno sentido da palavra, (um evento pontual associado a um estado resultante) como consequência da sua aplicação.

Embora aparentemente semelhante a esta, a construção *acabar por* (como em "O

João acabou por ir ao cinema” ou “A Maria acabou por ficar doente”) envolve, contudo, problemas semânticos bastante diversos, na medida em que não se comporta como um operador aspectual típico. Por isso mesmo, não procederemos, aqui, à sua análise.

#### QUADRO IV - ACABAR DE

operador	categoria-base	<i>input</i>	<i>output</i>
<i>acabar de</i>	processos e processos culminados	processo básico	culminação (ou processo culminado)

#### 4.5. *Andar a*

Muito informalmente, é possível dizer que *andar a* descreve a ocorrência "iterada", "prolongada" ou "frequente" de um evento ou de parte(s) de um evento.

O facto de *andar a* envolver a noção de "frequência" torna o seu tratamento por uma semântica de intervalos bastante complexo, já que este suporia a utilização de novos conceitos (como o de "pausa", por exemplo) e a introdução, no cálculo das condições de verdade para o operador, de múltiplos eventos (ou de "fases" de evento). No entanto, havendo factores que contra-indicam uma tal abordagem, escusamo-nos a tentar, aqui, uma proposta de análise com fundamentos neste enquadramento teórico.

Um facto que escapa, em princípio, a uma teoria deste género é a "espécie" de Paradoxo do Imperfectivo que, também no presente caso, se pode observar. Assim, se "O João andou a ler este livro" é verdadeiro, isso não significa que "O João leu este livro" o seja obrigatoriamente. O mesmo se pode dizer da relação que se estabelece entre "O Miguel andou a ganhar o concurso" e "O Miguel ganhou o concurso".

Uma outra questão que deve ser considerada, no sentido de alcançarmos uma análise apropriada para *andar a*, diz respeito às restrições tipológicas associadas à semântica deste operador. Tipicamente, todas as categorias aspectuais, excepto estados "não faseáveis", se podem combinar com ele, como os exemplos de (38) nos mostram:

- (38) a: \* O meu casaco anda a ser verde. (estado)  
 b: \* O João anda a ser português. (estado)  
 c: O João anda a ser simpático. (estado "faseável")  
 d: O João anda a viajar. (processo)  
 e: O João anda a ler este livro. (processo culminado)  
 f: A Ana anda a sair à noite. (culminação)  
 g: O João anda a morrer. (culminação)  
 h: O João anda a espirrar. (ponto)

A conjugação da ocorrência de (uma “espécie” de) Paradoxo do Imperfectivo com a observação destes exemplos permite colocar a hipótese de que o "*input*" para *andar a* é, muito provavelmente, de tipo processual. Isto significa, portanto, que todas as eventualidades, antes de se combinarem com este operador, devem ser convertidas em processos. Tal hipótese fornece uma explicação adequada para alguns comportamentos típicos da construção aqui sob análise: em primeiro lugar, exclui a possibilidade de comparência de estados "não faseáveis" neste tipo de estrutura (cf. (38)a,b); em segundo, dá conta do facto de "X andar a ler um livro" não implicar necessariamente a verdade de "X ler um livro".

O modo de conversão das diversas categorias aspectuais em processos é muito semelhante ao que propusemos para o "*input*" do Progressivo: os estados "faseáveis" passam, no interior da Rede Aspectual, a processos; os processos culminados perdem a culminação, mantendo apenas a sua fase preparatória; as culminações, tanto podem dar origem a processos por iteração (Ex: (38)f), como pelo "acrécimo" de um processo à culminação, que depois é retirada (Ex: (38)g). Finalmente, os pontos passam a processo através de um mecanismo de iteração.

O "*output*" para *andar a* é, em geral, de tipo estativo, como os resultados dos "testes" em (39) permitem comprovar:

- (39) a: \* O João está a andar a viajar.  
 b: \* A mãe persuadiu o João a andar a viajar.

- c: \* João, anda a viajar!
- d: O João andou a viajar voluntariamente.
- e: \* O que o João fez foi andar a viajar.
- f: O João anda a viajar (neste momento).
- g: ?? O João começou a andar a viajar.
- h: ??? Quando a Maria chegou, o João andou a viajar.
- i: ??/\* Quando o João andou a viajar, a Maria chegou.
- j: Quando o João andava a viajar, a Maria chegou.

Mas, de que género de estado se tratará? Geralmente, *andar a* veicula uma "ocorrência frequente" (ou, pelo menos, "prolongada") de processo(s). O contraste entre construções progressivas e com *andar a* ajuda-nos a elucidar melhor esta questão. Assim, as estruturas progressivas podem ocorrer com adverbiais durativos que remetam para intervalos de tempo muito curtos, ao contrário do que sucede com o operador *andar a* (cf. (40)):

- (40) a: O João esteve a ler o livro durante 5 minutos.
- b: ?? O João andou a ler o livro durante 5 minutos.
- c: O João esteve a rir uns segundos.
- d: ?? O João andou a rir uns segundos.

Resumindo: a acreditar no que foi proposto até ao momento, o operador *andar a* tomará como seu "input" obrigatório um processo (básico ou "derivado"), tal como, de resto, sucede com as formas do Progressivo. No entanto, estas duas estruturas parecem revelar algumas diferenças (embora não muito significativas) ao nível dos seus "outputs": apesar de ambas mostrarem um claro comportamento estativo, as construções progressivas remetem, preferencialmente, para um estado que apenas contempla a informação acerca do "desenrolar" ou da "progressão" da eventualidade envolvida, enquanto *andar a* parece incluir, nas suas propriedades semânticas, também a ideia de "frequência" ou, pelo menos, a de "prolongamento" da situação. Esta distinção não se mostra, contudo, perfeitamente nítida para a totalidade dos falantes do Português. Com efeito, o paralelismo entre *andar a* e o operador de Progressivo poderá ser levado muito mais longe; ele não se esgota nas semelhanças ao nível dos seus "inputs" e "outputs"



respectivos, estendendo-se igualmente ao comportamento e propriedades de outras construções aparentadas. Não é, por certo, casual a proximidade que podemos surpreender entre construções como *estar para* e *andar para*, presentes, por exemplo, em frases como "O João está para ir ao Brasil há mais de dois anos" e "O João anda para ir ao Brasil há mais de dois anos". Não nos deteremos, porém, nos pormenores de análise de tais estruturas, pois, neste momento, o nosso objectivo foi, somente, o de ilustrar a proximidade entre elas (sobre a forma *estar para* veja-se Cunha (1998), 2.5).

### QUADRO V - ANDAR A E ESTAR A

Operador	categoria-base	<i>input</i>	<i>output</i>
<i>andar a</i>	eventos e estados faseáveis	processo	estado habitual ou frequentativo
<i>estar a</i>	eventos e estados faseáveis	processo	estado progressivo

## 5. CONCLUSÕES

Observámos, ao longo deste trabalho, que uma análise unicamente baseada numa semântica de intervalos se revela manifestamente insuficiente para dar conta da enorme complexidade do conjunto de efeitos inerentes à actuação dos diversos operadores aspectuais que aqui procurámos estudar, sobretudo no que diz respeito ao Paradoxo do Imperfectivo, que muitos deles parecem envolver. Nessa medida, um tratamento fundamentalmente ancorado na ideia de “operação aspectual”, concebida como “comutação” de categoria aspectual de uma dada situação, por efeito de um operador, no interior da Rede de Moens (1987) afigurou-se-nos bem mais apropriado.

Os Quadros VI e VII organizam, sinteticamente, os operadores em relação aos seus “*inputs*” e “*outputs*” respectivos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, H., (1994), *O Aspecto Verbal Perifrástico em Português Contemporâneo – Visão Funcional/Sincrónica*, Porto, Porto Editora.

BENNETT, M., (1981), “Of Tense and Aspect: One Analysis”, in P. Tedeschi e A. Zaenen (eds), *Syntax and Semantics, Vol. 14: Tense and Aspect*, New York, Academic Press, 13-30.

BENNETT, M. e B. PARTEE (1978), *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*, Indiana, Indiana University Linguistics Club.

BINNICK, R., (1991), *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect.*, Oxford, Oxford University Press.

CARVALHO, H., (1984), “Temps et Aspect: Problèmes Généraux et leur Incidence en Portugais, Français et Russe”, *Estudos Linguísticos, 3º Vol*, Coimbra, Coimbra Editora, 201-235.

CUNHA, C. E CINTRA, L., (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.

CUNHA, L. F., (1998), *As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*, Dissertação de Mestrado, Porto, F.L.U.P.

DOWTY, D., (1979), *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel Publ. Comp..

DOWTY, D., (1986), “The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics?”, *Linguistics and Philosophy*, Vol. 9, Nº. 1, 37-62.

GARRIDO, A., (1996), *Expressões Temporais de Duração em Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GLASBEY, S., (1996), “The Progressive: a Channel-Theoretic Analysis”, *Journal of Semantics*, Vol. 13, N. 4, 331-361.

KAMP, H. e U. REYLE, (1993), *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.

LANDMAN, F., (1992), “The Progressive”, *Natural Language Semantics*, Vol. 1, pp. 1-32.

LOPES, O., (1972), *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MATEUS, M. H., et al., (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho.

MEULEN, A. ter, (1983) (The Representations of Time in Natural Language” in A. ter Meulen (ed), *Studies in Modeltheoretic Semantics*, Dordrecht, Foris.

MEULEN, A. ter, (1987), “Incomplete Events”, *Proceedings of the Sixth Amsterdam Colloquium*, University of Amsterdam, 263-279.

MOENS, M., (1987), *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Edimburgo, Tese de Doutoramento.

MOENS, M., e M. STEEDMAN (1988) “Temporal Ontology and Temporal Reference”, *Computational Linguistics*, 14.

MOURELATOS, A., (1981), “Events, Processes and States”, in P. Tedeschi e A. Zaenen (eds), *Syntax and Semantics, Vol. 14: Tense and Aspect*, New York, Academic Press.

OGIHARA, T., (1996) *Tense, Attitudes and Scope*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.

OLIVEIRA, F., (1991) “Alguns Aspectos do Aspecto”, *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.

OLIVEIRA, F., (1992), “Algumas Questões Sobre Tempo e Aspecto”, *Cadernos de Semântica* 9, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

OLIVEIRA, F., (1994), “Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português”, *Actas do Congresso Internacional Sobre o Português*, Vol. II, Lisboa, A.P.L., 151-190.

OLIVEIRA, F., (1995), “Aspecto: Algumas Questões”, *Cadernos de Semântica*, 20, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PARSONS, T., (1990), *Events in the Semantics of English: a Study in Subatomic Semantics*, Cambridge Mass., the MIT Press.

SCOTT, D., (1970) “Advice in Modal Logic” in Lamber, K. (org), *Philosophical Problems in Logic*, Dordrecht, Reidel.

SILVA, A., (1997), *A Semântica de Deixar: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Dissertação de Doutoramento, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

SMITH, C., (1991), *The Parameter of Aspect*, Dordrecht, Kluwer Academic Press.

SOARES, N., (1994) “Começar a Vinf e Pôr-se a Vinf: marcadores de que fronteiras?” *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 557-567.

VENDLER, Z., (1967), *Linguistics in Philosophy*, New York, Cornell University Press.

VLACH, F., (1981), “The Semantics of the Progressive”, in P. Tedeschi e A. Zaenen (eds), *Syntax and Semantics, Vol. 14: Tense and Aspect*, New York, Academic Press, pp. 271-292.